

A REPRESENTATIVIDADE DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA PAULISTA NO CONTEXTO BRASILEIRO (2011-2019)

Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima¹ Marco Antonio Coelho Bortoleto² Myrian Nunomura³ Laurita Marconi Schiavon⁴

Resumo: O estado de São Paulo, especificamente em relação à Ginástica Artística, possui a federação de Ginástica com o maior número de instituições filiadas do Brasil, além de ser o Estado que por muitos anos mais investiu no esporte. No entanto, raramente faz parte do quadro de ginastas participantes dos Jogos Olímpicos na Ginástica Artística Feminina, com uma mobilidade frequente de ginastas do Estado, majoritariamente nas categorias juvenil e adulto, para os estados do Rio de Janeiro e Paraná. Dessa forma, esta pesquisa de caráter descritiva documental, buscou por meio dos resultados de Campeonatos Brasileiros no período de 2011 a 2019, analisar a representatividade da Ginástica Artística Feminina paulista para o contexto brasileiro. A partir dessa análise, observou-se que o estado de São Paulo é um destacado formador de ginastas, com superior número de instituições e de ginastas participantes em eventos nacionais comparados aos demais estados, e com resultados expressivos nas categorias de base e pelas ginastas que representam o Brasil, pois ainda que as ginastas paulistas não representem mais o Estado, elas compõem a seleção brasileira da modalidade. No entanto, a situação do estado de São Paulo como um todo não é a mesma, sendo prioritariamente a Região Metropolitana de São Paulo responsável por essas características. Por fim, apesar de a Ginástica Artística brasileira, nos últimos anos, estar em ascensão internacional, a situação real no Brasil não é favorável para o melhor desenvolvimento da modalidade.

Palavras-chave: Ginástica; Esportes; Competição

Afiliação

¹ Universidade Federal do Paraná; ² Universidade Estadual de Campinas; ³ Universidade de São Paulo; ⁴ Universidade Estadual de Campinas

REPRESENTATIVITY OF SÃO PAULO STATE WOMEN'S ARTISTIC GYMNASTICS IN THE BRAZILIAN CONTEXT (2011-2019)

Abstract: The state of São Paulo, specifically in relation to Artistic Gymnastics, has the gymnastics federation with the largest number of affiliated institutions in Brazil, as well as being the state that for many years has invested the most in sports. However, it is rarely part of the group of gymnasts participating in the Olympic Games in Women's Artistic Gymnastics, with frequent mobility of gymnasts, mainly in the Youth and Adult categories, for the states of Rio de Janeiro and Paraná. Thus, this documentary descriptive research sought, through the results of Brazilian championships in the period from 2011 to 2019, to analyze the representativeness of Women's Artistic Gymnastics from São Paulo for the Brazilian context. Based on this analysis, it was observed that São Paulo is an expressive gymnast's developer, with a higher number of institutions and gymnasts participating in national events compared to other states, and with expressive results in the early categories and by the gymnasts who represent Brazil, because even though gymnasts from São Paulo no longer represent the state, they make up the national team for the discipline. However, the situation of the State as a whole is not the same, with the Metropolitan Region of São Paulo primarily responsible for these characteristics. Finally, despite the fact that the Brazilian Artistic Gymnastics, in recent years, has been on the rise internationally, the real situation in Brazil is not favorable for the best development of the discipline.

Key words: Gymnastics; Sports; Championship

Introdução

A região sudeste do Brasil, além de ser a mais populosa e com maior relevância econômica do País, destaca-se por sua importância para a manutenção e perpetuação do esporte competitivo nacional. Dentre os estados dessa região, São Paulo (SP) apresenta a maior população estimada em 46.607.504 habitantes¹ e o maior PIB interno² do país, além de ser aquele que por muitos anos mais investiu no esporte segundo dados da última Pesquisa de Esporte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em parceria com o Ministério do Esporte³.

Na Ginástica, a região sudeste do Brasil concentra 40% das entidades filiadas à Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), o que estaria relacionado a fatores históricos, culturais, econômicos e de desenvolvimento geral dessa região⁴. De fato, a Federação Paulista de Ginástica (FPG) possuía 41 entidades filiadas no ano de 2020 (10 na capital paulista, 14 na região metropolitana de São Paulo, 14 no interior paulista e 3 no litoral)⁵. E, especificamente na Ginástica Artística (GA) feminina e masculina, são 28 instituições filiadas⁵.

No entanto, apesar da literatura apontar um predomínio da região Sul e Sudeste na GA brasileira^{4,6} e das características do estado de São Paulo supracitadas, o contexto internacional aponta para um distanciamento da Ginástica Artística Feminina (GAF) paulista de alto rendimento nas categorias principais da modalidade.

Dentre as onze edições em que o Brasil participou dos Jogos Olímpicos na GAF (1980 a 2021), houve um total de 18 atletas participantes, formadas por instituições pertencentes a quatro estados: Paraná (9 ginastas), Rio de Janeiro (8 ginastas), São Paulo (2 ginastas) e Rio Grande do Sul (1 ginasta). Duas atletas (Daiane dos Santos e Laís Souza) representaram mais de um Estado em diferentes edições.

Apesar de quatro dessas atletas serem procedentes do estado de SP (Daniele Hypólito, Camila Comin^a, Laís Souza e Rebeca Andrade), apenas uma delas treinava no Estado durante sua segunda participação no evento (Laís Souza). As demais ginastas mudaram para os estados do Paraná (PR) e do Rio de Janeiro (RJ), em busca de melhores condições de treinamento e, por conseguinte, uma preparação mais efetiva para os Jogos Olímpicos^{4,6-8}.

Ressaltamos que no período de 2001 a 2008 foi implementado o sistema de seleção permanente, em que as ginastas selecionadas permaneceram concentradas no Centro de Treinamento de Curitiba, sendo esta mudança um requisito neste período para compor a seleção

^a A ginasta Camila Comin nasceu no estado de São Paulo, mas iniciou seus treinamentos em Curitiba-PR, por motivos familiares, onde treinou durante toda a sua carreira esportiva.

brasileira da modalidade⁹.

Tendo em vista a seleção brasileira de Ginástica Artística Feminina (GAF) de 2016, dentre as 12 ginastas, 5 iniciaram a modalidade no estado de SP, entretanto, nenhuma delas treinava no Estado (uma no PR e quatro no RJ) durante o período de preparação para os Jogos Rio 2016. Já, da seleção da modalidade de 2020, das 9 ginastas integrantes, 3 iniciaram a prática no estado de SP, e no momento duas treinam no Estado, uma após longo período de treinamento no PR. Este cenário apresentado de ginastas paulistas, da composição da seleção brasileira e da constante mobilidade de ginastas nos leva a certos questionamentos que nortearam a realização desta pesquisa. Qual o papel do estado de São Paulo no sistema competitivo da GAF brasileira de alto rendimento?

Por outro lado, na Ginástica Artística Masculina (GAM), os cinco atletas da seleção brasileira que participaram dos Jogos Olímpicos de 2016 – Arthur Mariano, Arthur Zanetti, Diego Hypólito, Francisco Barretto Júnior e Sérgio Sasaki – representavam clubes ou prefeituras municipais do estado de SP. Além disso, dos 10 ginastas da seleção brasileira de 2020, 6 representam entidades do estado de SP.

Dessa forma, ao considerarmos o contexto apontado, percebemos a necessidade de elaboração e direcionamento de estratégias de gestão desse esporte, baseadas em dados atuais e que permitam mostrar de uma forma mais ampla as necessidades e as condições da GAF no estado de SP. Assim, o objetivo da presente pesquisa foi analisar a representatividade da GAF paulista no contexto brasileiro na perspectiva de nortear ações futuras para o melhor desenvolvimento da modalidade dentro do Estado, tendo em vista, a carência de análises nesta perspectiva.

Materiais e Métodos

O estudo é de caráter descritivo com base na análise documental. Segundo Gil¹⁰, “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (p.42), o que se adequa aos propósitos desse estudo.

A pesquisa documental pauta-se em “[...] materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”¹⁰ (p.45). Dessa forma, foram consultados documentos oficiais relacionados à participação do estado de SP em Campeonatos Brasileiros de GAF no período de 2011 a 2019, por serem os dados mais recentes da modalidade disponibilizados pela CBG até o momento de

análise, que retratam a realidade da modalidade no Brasil, englobam períodos importantes para a Ginástica Brasileira como o período de preparação para os Jogos Rio 2016 e Tóquio 2021.

Assim, a presente pesquisa baseou-se nos resultados oficiais de nove anos do Campeonato Brasileiro de GAF (2011 a 2019), informações de livre acesso obtidas na página de internet da CBG¹¹, constituindo-se assim nossa fonte primária. De modo específico foram analisados o número de ginastas participantes, o número de instituições participantes e o número de medalhas conquistadas, sendo estes dados analisados por categoria, nível e edição do campeonato.

Dessa forma, os dados referentes ao estado de São Paulo, como forma de analisar sua representatividade, foram comparados com aqueles do Rio de Janeiro e Paraná, Estados estes de grande representatividade na modalidade no contexto nacional e internacional.

Os dados obtidos foram tratados por estatística descritiva, ramo da estatística destinado a descrever, resumir, totalizar e apresentar dados de pesquisa¹². De acordo com Cunha¹³, esse tipo de análise ocorre em três fases sequenciais: 1) coleta e crítica dos dados; 2) categorização, condensação e comunicação dos dados por meio de tabelas e gráficos; 3) descrição numérica dos dados mediante cálculos estatísticos como média, moda, mediana.

Resultados e Discussão

Mapeando a Ginástica Artística Feminina no Brasil

Preliminarmente, cabe indicar que o Campeonato Brasileiro de GAF representa a competição de maior relevância no calendário nacional¹⁴, tendo nove edições (2011 a 2019) analisadas no presente estudo. Nessa competição as atletas competem em categorias de acordo com sua idade cronológica: Pré-Infantil (9 e 10 anos), Infantil (11 e 12 anos), Juvenil (13 a 15 anos) e Adulto (16 anos em diante)¹¹.

O regulamento geral do evento, publicado pela CBG^{11,15}, permite que as ginastas compitam em mais de uma categoria, isto é, naquela que compreende sua idade e também em outras de faixa etária superior, considerando-se a idade mínima. Na categoria “Juvenil”, as ginastas podem começar a competir com 12 anos, mesmo sendo “Infantil” e na categoria “Adulto” com 13 anos e, em ambos os casos, há premiação separada para essas ginastas (12 e 13 anos separadamente de 14 e 15 anos para o Juvenil e 13 a 15 anos separado de 16 anos em diante no Adulto).

Essa “flexibilização” para a participação em outras categorias proporcionaria maior número de competições para as ginastas e auxiliaria os clubes que contam com número reduzido

de praticantes na categoria adulto⁶. Mas, ao mesmo tempo, e inclusive pela falta de ginastas de todas as categorias, o fato também seria prejudicial para o desenvolvimento das ginastas, pois esse tipo de regulamento, apesar de viabilizar a dinâmica competitiva no âmbito nacional, acaba incentivando, de certa forma, a aceleração de etapas da preparação esportiva de muitos anos¹⁶, que podem resultar em lesões ou mesmo abandono precoce da modalidade¹⁷, pois apesar da premiação ser separada e tentar minimizar tais desdobramentos, o regulamento continua o mesmo.

Por outro lado, para atingir o maior número de atletas e de entidades participantes de diferentes níveis técnicos, a CBG organizava até 2016 as categorias “Pré-Infantil”, “Infantil” e “Juvenil”, em dois níveis de competição, nível “A” e “B” (mais simplificado), com diferentes regulamentos/exigências¹⁵, regulamento esse que oferecia oportunidades a ginastas que iniciavam mais tarde na modalidade, ou mesmo atletas que não teriam condições físicas e técnicas de participar de Campeonatos Brasileiros, a continuarem a praticar a modalidade, incentivando a prática além do alto rendimento esportivo, ampliando as possibilidades em um país continental com tantas diferenças.

A partir de 2017, período que manteve a mesma gestão da CBG, a coordenação técnica foi alterada e foram realizadas algumas modificações em relação ao Regulamento Geral, eliminando a divisão entre os níveis A e B, mantendo o nível de exigência técnica apenas do anterior nível A, ou seja, direcionado aos poucos clubes brasileiros que possuem ginastas de alto rendimento esportivo, que certamente impactaram nas edições subsequentes e no trabalho e objetivos por parte dos(as) treinadores(as) e instituições.

Para análise do “sucesso esportivo” ou não, nesta pesquisa, foram principalmente considerados os “resultados obtidos e medalhas conquistadas no período analisado” apesar de também serem analisados a frequência de entidades bastante representativas e o número de participantes dos campeonatos.

Assim, tendo em vista todos esses fatores, foram analisados os nove anos do Campeonato Brasileiro de GAF em suas diferentes categorias e níveis dos três estados mais representativos (SP, PR e RJ) em participações e resultados, entre os anos 2011 e 2019.

Observa-se, primeiramente, que o estado de SP se mostrou, quantitativamente, importante formador de ginastas, tendo o maior número de ginastas na maioria das categorias/níveis de Campeonatos Brasileiros (Tabela 1), com exceções no “Pré-Infantil B” de 2011 e 2012, “Pré-Infantil” de 2018, “Juvenil A” de 2016 e “Adulto” de 2018. Nas

categorias/níveis “Juvenil A” de 2013, “Juvenil” de 2019 e “Adulto” de 2014 o número de ginastas participantes do estado de SP se igualou ao de ginastas do estado do RJ.

Tabela 1 - Número de ginastas participantes por edição do Campeonato Brasileiro de GAF por categoria e nível do estado de SP, RJ e PR.

		Pré-Infantil		Infantil		Juvenil		Adulto
		A	B	A	B	A	B	
2011	SP	25	11	10	36	20	10	13
	RJ	7	13	7	9	7	1	5
	PR	6	0	5	0	4	0	6
2012	SP	23	6	20	28	15	15	17
	RJ	10	7	6	10	9	4	8
	PR	5	0	6	7	6	1	6
2013	SP	11	12	26	12	7	9	11
	RJ	2	5	10	5	7	3	8
	PR	0	0	4	0	4	0	6
2014	SP	11	13	14	22	15	15	9
	RJ	2	3	5	8	5	9	9
	PR	5	0	1	2	4	0	7
2015	SP	11	20	14	22	18	12	14
	RJ	0	6	4	2	12	1	6
	PR	2	0	4	0	6	0	7
2016	SP	10	18	10	12	6	7	16
	RJ	5	1	3	5	12	1	6
	PR	0	0	6	0	6	0	7
2017	SP	33		32		15		15
	RJ	14		8		7		6
	PR	6		4		6		8
2018	SP	11		15		17		7
	RJ	16		7		7		9
	PR	4		4		2		6
2019	SP	23		21		8		10
	RJ	11		9		8		8
	PR	2		6		5		3

Legenda: em negrito o maior número de participantes por ano, categoria e nível quando for o caso.

Na Figura 1 podemos observar a diferença proporcional entre os três Estados por categoria e ano de participação analisados.

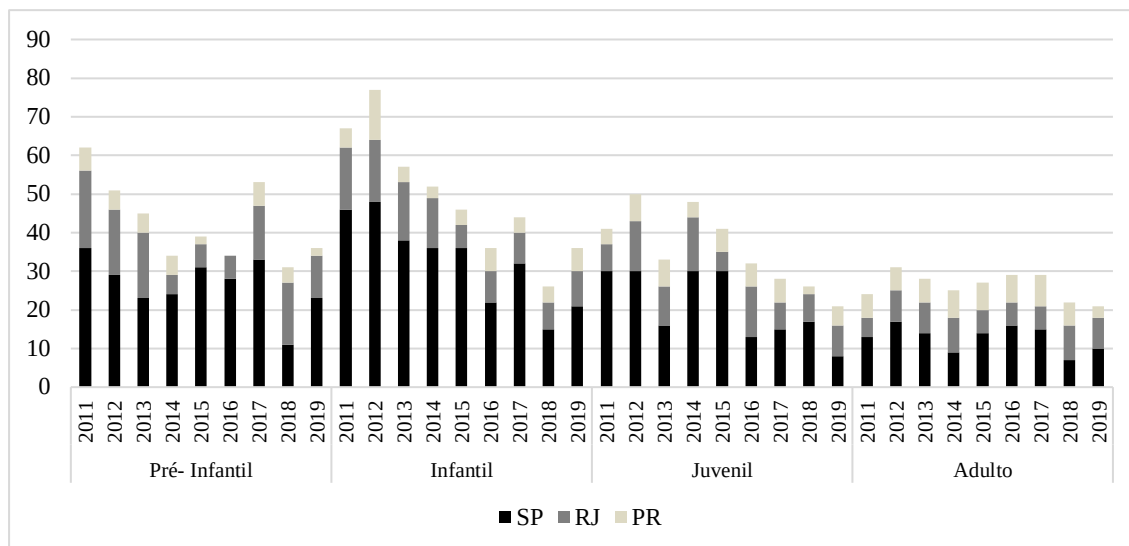


Figura 1 - Número de ginastas participantes por edição do Campeonato Brasileiro de GAF por categoria do estado de SP, RJ e PR.

Legenda: para o período de 2011 e 2016 foi considerada a somatória de ginastas participantes tanto no nível A quanto no nível B para as categorias pré-infantil, infantil e juvenil.

De forma mais ampla, tento em vista todas as ginastas participantes nestes nove anos analisados de Campeonatos Brasileiros, tivemos 836 ginastas representando instituições do estado de SP, 349 ginastas representando instituições do estado do RJ e 182 ginastas representando instituições do estado do PR. Estes dados revelam diferença significativa em relação à participação destes Estados e, possivelmente, o maior número de praticantes no estado de SP que participou com 58,25% mais ginastas que o RJ e 78,22% mais ginastas que o PR (Tabela 2). Além disso, somando todas as ginastas participantes destas nove edições por categoria, SP obteve o maior índice de participação em cada categoria quando comparado com RJ e PR, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 - Número total de ginastas participantes de Campeonato Brasileiro de GAF por categoria de 2011 a 2019 do estado de SP, RJ e PR.

	SP	RJ	Diferença RJ-SP	% SP maior que RJ	PR	Diferença PR-SP	% SP maior que PR
Pré-Infantil	238	102	136	57,14%	30	208	74,28%
Infantil	294	98	196	66,66%	49	245	83,33%
Juvenil	189	84	105	55,55%	47	142	75,13%
Adulto	115	65	50	42,47%	56	59	51,30%
Total	836	349	487	58,25%	182	654	78,22%

Nota-se a diferença no número de ginastas, ao comparar os Estados mais representativos da GAF brasileira: SP, PR e RJ, sendo RJ também participante de todas as edições e categorias (Tabela 1). Em contrapartida, ao observar a classificação das ginastas na Figura 2 e na Tabela 3, e como referência as medalhas obtidas, há certa disparidade em relação às categorias. Nas

categorias “Pré-infantil”, “Infantil” de forma geral e na “Juvenil” a partir do ano de 2015, SP mostrou-se bastante competitivo, pois se destacou em número de medalhas.

Contudo, na categoria “Adulto”, faixa etária em que as atletas estariam aptas a participar de Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, o desempenho do estado de SP caiu drasticamente (Figura 2 e Tabela 3). Essa tendência é nítida, em comparação com o RJ e PR, Estados de maior representatividade na modalidade, em que o estado de SP conquistou 72% menos medalhas que o RJ e 66,17% que o PR (Tabela 3).

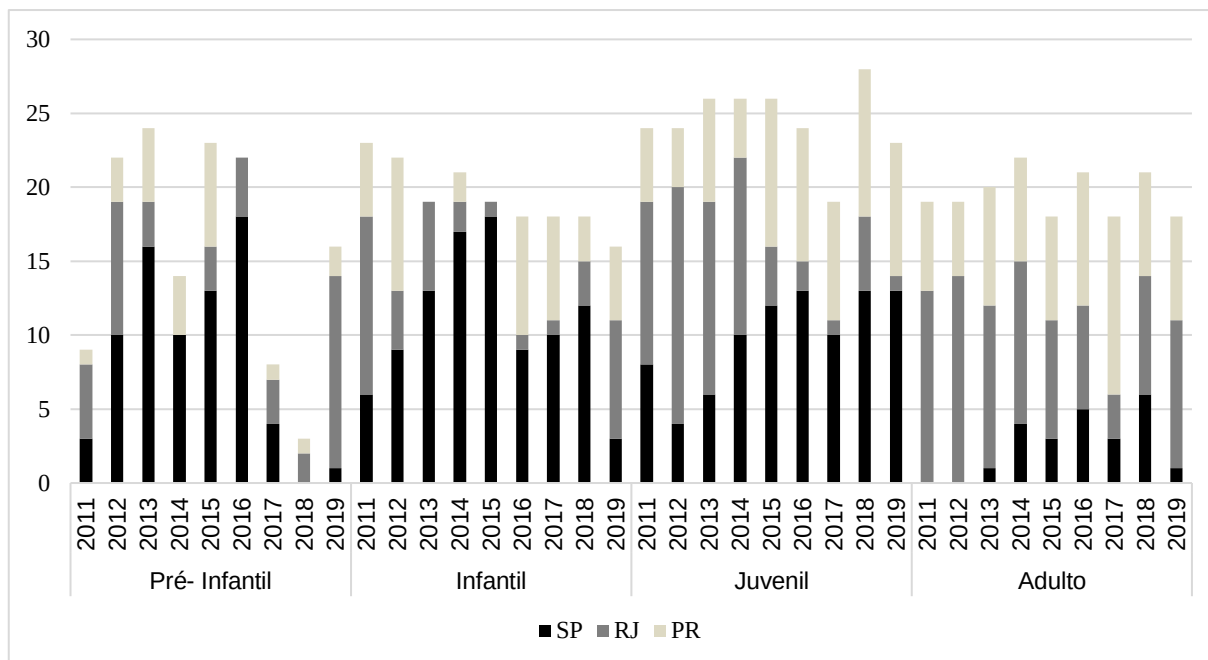


Figura 2 - Número total de medalhas conquistadas por estado de 2011 a 2019 do Campeonato de GAF por categoria.

Legenda: para o período de 2011 e 2016 foi considerada a somatória de medalhas conquistadas tanto no nível A quanto no nível B para as categorias pré-infantil, infantil e juvenil.

Tabela 3 - Número total de medalhas conquistadas em Campeonato Brasileiro de GAF por categoria de 2011 a 2019 do estado de SP, RJ e PR.

	SP	RJ	Diferença RJ-SP	% SP maior que RJ	PR	Diferença PR-SP	% SP maior que PR
Pré-Infantil	75	42	33	44%	24	51	68,00%
Infantil	97	38	59	60,82%	38	58	59,79%
Juvenil	89	65	24	26,96%	66	23	24,84%
Adulto	23	85	-62	-72,00%	68	-45	-66,17%
Total	284	230	54	19,01%	196	87	30,63%

Apesar de SP apresentar o maior número de ginastas participantes na categoria “Adulto” em comparação com os demais Estados ilustrados na tabela 2, este fato para essa categoria em específico aparenta não ser um diferencial no que se refere aos resultados (Tabela 3). Para mais, os resultados atingidos pelo Estado nas categorias menores, sobretudo “Pré-infantil” e

“Infantil”, não indicam para uma continuidade de trabalho e avanço nas categorias maiores, ou seja, o Estado não aparenta estar preparado e/ou ter estrutura e financiamento adequado/suficiente para trabalhar e manter o mais alto rendimento da modalidade, ou quem sabe, este seja um posicionamento das instituições responsáveis pela modalidade no Estado, mesmo que não intencional ou consciente, visto que os objetivos não são claro, definidos e/ou documentados.

Tal análise pode nos levar a três possíveis cenários: o abandono da prática pelas ginastas, um trabalho não consistente com o realizado nas categorias de base para as categorias principais e/ou a migração de ginastas paulistas para outros Estados tendo em vista as condições de treinamento e incentivo ao esporte de alto rendimento presentes em SP e nos estados do PR e RJ. Aqui apontamos uma lacuna importante para ações em prol da modalidade no estado visando seu desenvolvimento. Quais razões deste possível abandono da modalidade? Quais as perspectivas para as ginastas ficarem no Estado? Quais as consequências da perda destas ginastas para outros Estados?

Ainda no que se refere às conquistas, ressaltamos que no período de 2011 a 2016 as categorias “Pré-Infantil”, “Infantil” e “Juvenil” possuíam dois níveis de dificuldade: nível A e nível B mais simplificado. Neste período observamos que o estado de SP continuou sendo o Estado com maiores conquistas em todas as categorias e níveis com exceção da categoria “Juvenil A”, categoria em que as ginastas começam a compor as equipes principais e a participarem de Campeonatos Mundiais e etapas de Copa do Mundo da modalidade, refletindo o mesmo cenário previamente apontado para a categoria “Adulto” (Figura 3).

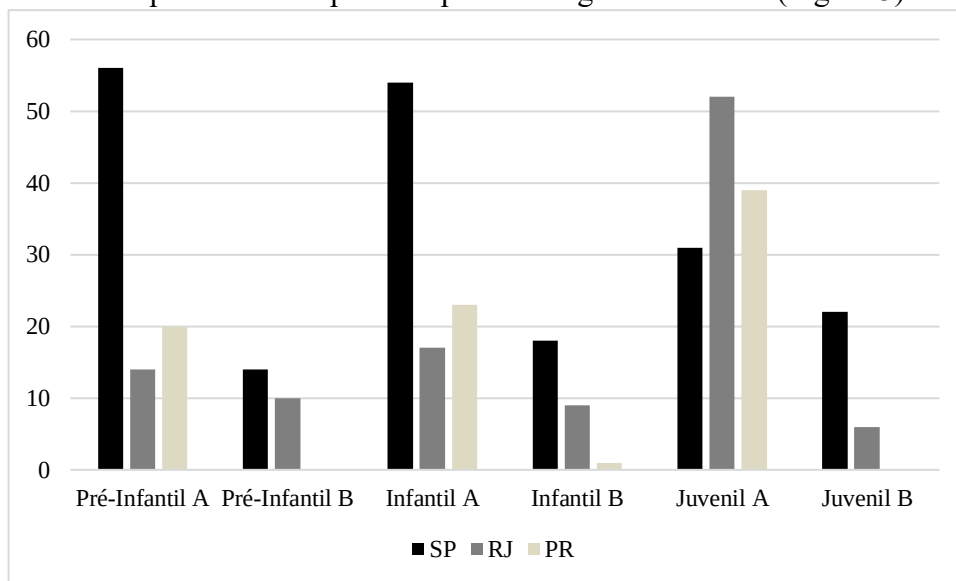


Figura 3 - Número total de medalhas conquistadas em Campeonato Brasileiro de GAF por categoria e nível de 2011 a 2016 do estado de SP, RJ e PR.

Referente aos resultados específicos do estado de SP, nestas nove edições de Campeonatos Brasileiros analisadas, observamos a ascensão na maioria das categorias: Pré-Infantil até 2013, Infantil até 2015 e Juvenil e Adulto até 2018. Podemos observar diminuição considerável dos resultados nas categorias de idades menores (Pré-Infantil/Infantil) a partir de 2015/2016 (Figura 4).

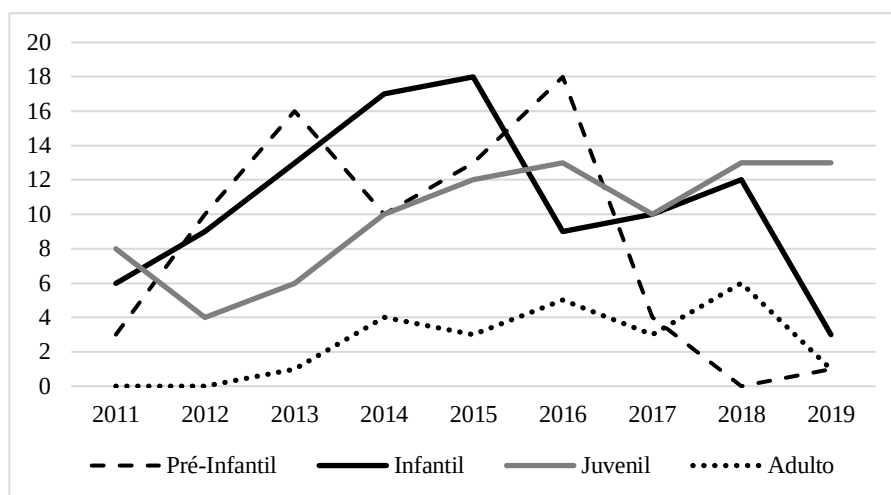


Figura 4 - Número total de medalhas conquistadas pelo estado de SP do Campeonato Brasileiro de GAF por categoria.

Tal diminuição se mostrou como uma tendência do Estado e não do campeonato, por possíveis mudanças de regulamento e formas de classificação. O que pode ser observado na figura 5, em que a tendência de medalhas conquistadas pelo estado de SP no decorrer dos nove anos do Campeonato é comparada com a dos estados do RJ e PR. O que pode nos mostrar uma maior preocupação e preparo das categorias de base (Pré-infantil e Infantil) desses Estados a partir do ano de 2016. Sabemos que a GA, em todas as localidades do país, apresenta lacunas nos ciclos olímpicos, entre outros, pela pouca representatividade da modalidade na mídia e pelas mudanças de governo que influenciam diretamente no investimento das modalidades esportivas. No entanto, um Estado com um número elevado de praticantes como SP, necessita de uma elaboração e direcionamento estratégico em nível de gestão e políticas para um desenvolvimento coerente e positivo da modalidade.

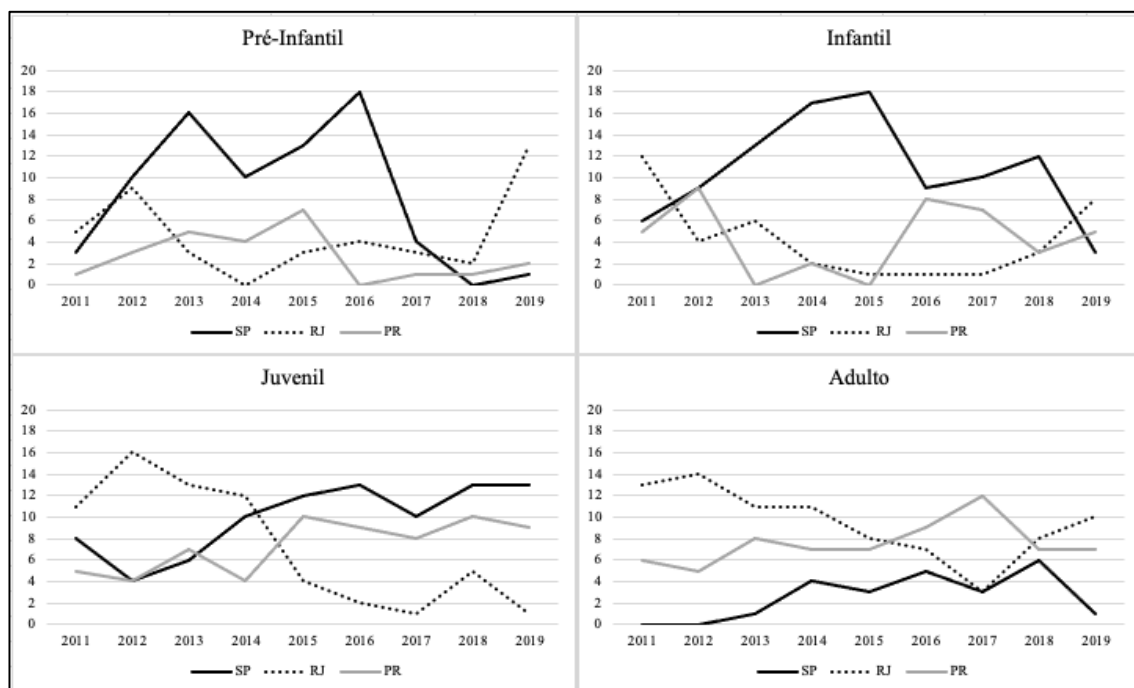


Figura 5 - Número total de medalhas conquistadas em Campeonato Brasileiro de GAF por categoria de 2011 a 2019 do estado de SP, RJ e PR.

Notamos ainda que o estado de SP teve o maior número de entidades inscritas nas competições avaliadas em todas as categorias, o que permite inferir que se trata de um Estado com mais opções de espaços de treinamento em relação aos demais Estados brasileiros, inclusive na categoria “Adulto” que apesar de não obter os melhores resultados (conquistas) é o Estado com o maior número de ginastas participantes e consequentemente de instituições (Figura 6).

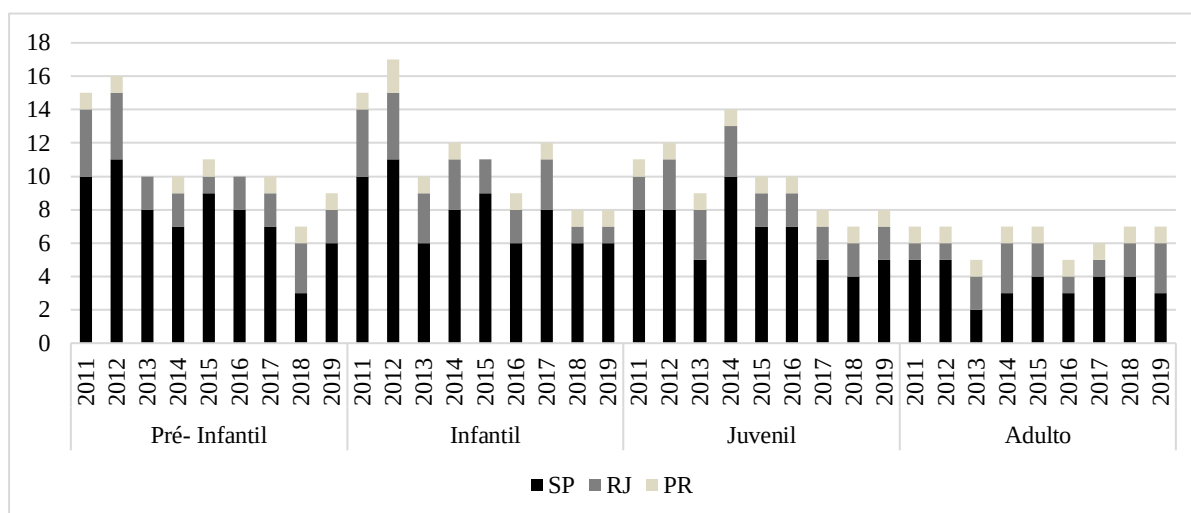


Figura 6 - Número total de entidades participantes por estado de 2011 a 2019 do Campeonato de GAF por categoria.

O estado de SP possui dois grandes eventos esportivos que se movimentam sobretudo por influências políticas, e que de certa forma promovem diversas modalidades esportivas nos diferentes municípios do Estado¹⁸. Os Jogos Regionais e Abertos são eventos anuais que englobam, entre outras modalidades a GA, e apresentam grande relevância para as prefeituras pela relação de supremacia entre as cidades¹⁸. Para mais, esses eventos se mostram com um forte caráter massificador da GA, auxiliando de certo modo no desenvolvimento da modalidade pelo Estado, o que pode ser verificado pelo número de entidades representando prefeituras municipais filiadas à CBG e à FPG, principalmente nas categorias de base.

Tendo em vista os dados apresentados até então, o estado de SP mostrou-se uma região relevante, em especial, para as categorias “Pré-infantil” e “Infantil”, porém, algumas regiões desse Estado destacam-se em relação às demais no que concerne à participação e conquistas (Figura 7 e 8).

Uma observação mais minuciosa revela que a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), que aglutina a Capital Paulista e mais 38 municípios vizinhos¹⁹, além de concentrar 58,53% das instituições filiadas à FPG⁵, foi a região com maior número de entidades participantes e de conquistas comparado com as demais regiões do Estado (Figura 7 e 8).

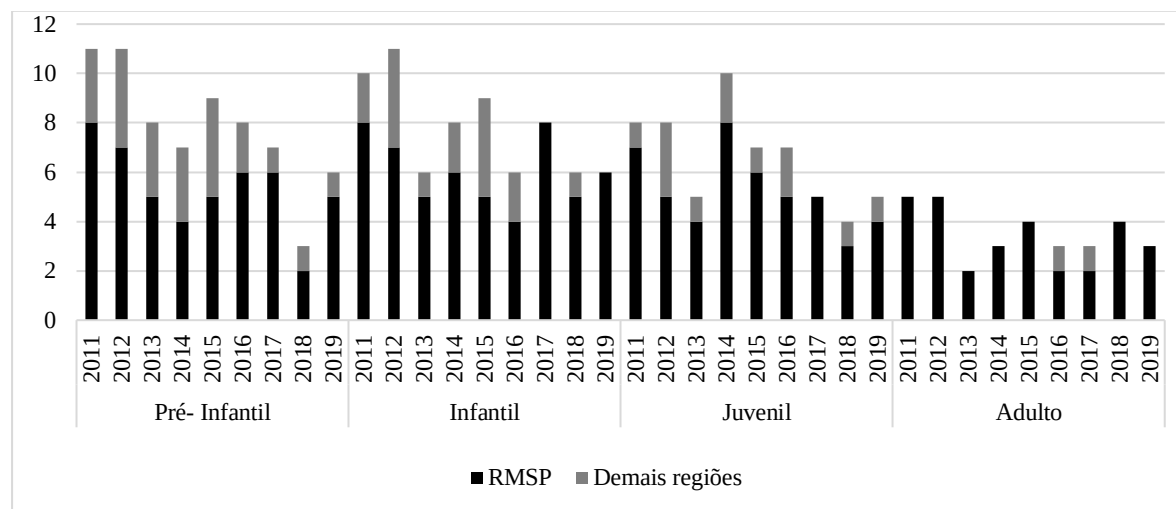


Figura 7 - Número de entidades participantes de 2011 a 2019 do Campeonato Brasileiro de GAF da Região Metropolitana de São Paulo e das demais regiões do Estado.

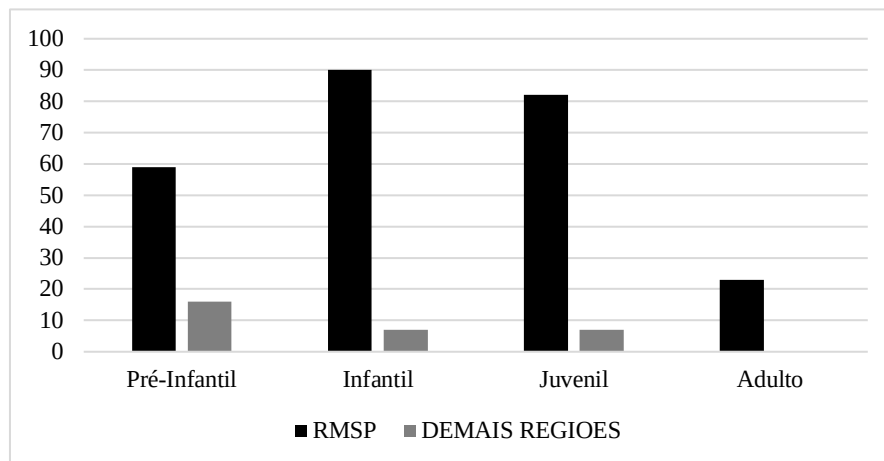


Figura 8 - Número total de medalhas conquistadas por região do Estado de SP de 2011 a 2019 do Campeonato Brasileiro de GAF por categoria.

Além da RMSP estar presente em todas as edições, categorias e níveis, apresentou elevado número de conquistas em comparação com as demais regiões do Estado (Figura 8). E mais, observou-se apenas uma pequena presença de entidades das demais regiões do estado de SP nas categorias “Adulto” e “Juvenil”, o que pode estar vinculado, além de outros, para priorização de outras competições como Jogos Regionais e Abertos e não para a modalidade de alto rendimento esportivo por interesses políticos e investimentos necessários.

Para mais, quando o campeonato era subdividido em dois níveis de dificuldade (2011 a 2016) no nível A, de maior dificuldade, as demais regiões do Estado também se mostraram pouco presentes nas diferentes categorias. Neste período e nível não tivemos participação das demais regiões do Estado na categoria “Juvenil”; na categoria “Infantil”, apenas no ano de 2012 por duas ginastas; e, na categoria “Pré-Infantil” em 2013 por apenas uma instituição que conquistou o terceiro lugar por equipes e em 2015 por uma única ginasta.

A dificuldade apontada pelas instituições do interior e litoral do estado de SP seria um indicativo importante para os(as) gestores(as). Ainda, esses apontamentos e fatos também poderiam ser estendidos para os demais estados como RJ, PR, Rio Grande do Sul (RS) e Minas Gerais (MG), nos quais os(as) participantes em Campeonatos Brasileiros são majoritariamente instituições da capital e região metropolitana. A distância de eventos estaduais, em sua maioria realizada nas capitais, geraria custos que dificultam o acesso de várias entidades, assim como da possibilidade de compartilhar conhecimento e experiência com regularidade entre os profissionais, questões que merecem atenção das organizações esportivas.

Conclusão

O estado de SP e, mais especificamente a RMSP, mostra-se extremamente representativa para a GAF brasileira, sendo formadora de boa parte das ginastas que representam o Brasil em eventos internacionais. Parece-nos que alguns fatores estariam contribuindo para esse fato, como: a alta concentração de entidades paulistas em eventos nacionais; o número superior de ginastas em eventos competitivos em relação aos demais Estados; vários locais disponíveis para a prática da modalidade; resultados significativos nas categorias de formação em âmbito nacional (Pré-infantil e Infantil); e pelas ginastas formadas em organizações esportivas do estado de SP que representaram o Brasil como integrantes da seleção brasileira da modalidade com regularidade.

Entretanto, poucas instituições paulistas foram representadas na seleção brasileira de GAF, pela mobilidade de ginastas para os estados do PR e do RJ, fato que é frequente na GAF e focalizada majoritariamente nestes dois Estados. Além de esses Estados oferecerem condições necessárias para o desenvolvimento das ginastas, também atraem pelo reconhecimento de entidades como o Clube de Regatas do Flamengo (RJ), instituição que, desde a década de 70, participa de intercâmbios internacionais, a fim de colaborar principalmente na formação de ginastas, com reconhecimento pela formação de atletas para a seleção e renome de seus(suas) treinadores(as)^{6,20}. Além disso, o que colaboraria para fortalecer essa cultura seria o Centro de Treinamento do COB da GAF estar sediado no RJ, devido aos JO de 2016, que favorece o acesso a ginastas desse Estado a esta estrutura e suas facilidades (treinadores(as), equipe multidisciplinar, entre outros).

Assim como no caso do PR, as condições favoráveis para o desenvolvimento de ginastas são herança da cidade de Curitiba ter sido sede da CBG por 18 anos, tendo a seleção permanente de GAF em Curitiba de 2001 a 2008, com treinadores ucranianos renomados. Esse centro se mantém dentro de boas condições até o momento, como a entidade Cegin²¹ e com a treinadora Iryna Ilyashenko também da seleção, razão pela qual também influenciou a transferência de ginastas da GAF para Curitiba (PR) durante toda a primeira década do século XXI.

Em linhas gerais, embora essa pesquisa tenha se concentrado especificamente nas instituições e ginastas paulistas, observa-se uma situação preocupante. O número reduzido de ginastas em praticamente todas as categorias e, especialmente, na categoria “Adulto”, pode estar vinculado à escassez de formação em quantidade suficiente de ginastas brasileiras com nível técnico que as possibilite serem competitivas internacionalmente. Esse quadro é crítico para o adequado desenvolvimento da GAF no Brasil.

Tal situação, além de outros fatores, pode estar vinculada à inexistência de planejamentos e políticas que visualizam os fatos atuais, até mesmo pela falta de organização dos registros da modalidade no país e nos seus Estados. Além disso, não consideram as discussões realizadas neste e em outros estudos acadêmicos já desenvolvidos no Brasil^{6,8,9,20,22-24}, os quais apontam lacunas, pontos positivos e problemas para que os órgãos responsáveis pela modalidade no País (CBG, COB) e no próprio Estado (FPG) possam desenvolver ações para uma GA maior e melhor em SP e no Brasil.

Nos últimos anos, a GA brasileira mostra ascensão em termos de resultados em eventos internacionais, principalmente na GAM, desenvolvendo atletas de destaque. Não obstante, os dados relevam uma realidade, no que tange o maior campeonato nacional de GAF, não favorável ao crescimento e a manutenção da modalidade a médio e longo prazo.

Assim, esperamos que os dados apontados no presente estudo auxiliem na orientação de propostas e estratégias efetivas, tendo em vista o cenário da modalidade, para o melhor desenvolvimento da GAF no estado de SP e no Brasil. Há a necessidade de novas ideias e ações de profissionais capacitados nos cargos de gestão das organizações esportivas, que considerem e estejam abertos a ouvir e agir em parceria com treinadores(as), pesquisadores(as), gestores(as) profissionais, na busca de caminhos diferentes para objetivos ainda não atingidos, considerando as potencialidades e as dificuldades de cada contexto.

Referências

¹Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estados: São Paulo [Internet]; 2021 [citado 2021 mai 25]. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock

²Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Produto Interno Bruto - PIB [Internet]; 2018 [citado 2021 mai 25]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/ PIB.php>

³Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa de Esporte [Internet]; 2003 [citado 2021 mai 24]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/ PIB.php>

⁴Schiavon LM, Paes RR, Toledo E, Deutsch S. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte. 2013;27(3):423-436.

⁵Federação Paulista de Ginástica (FPG). Entidades [Internet]; 2021 [citado 2021 jan 15]. Disponível em: <http://www.fpginastica.com.br/entidades/>.

⁶Schiavon LM. Ginástica artística feminina e história oral: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980- 2004). Campinas. Tese [Doutorado em Educação Física] – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas; 2009.

⁷Schiavon LM, Locci B. Brazilian olympic gymnasts? Perspective on their participation in the olympic games. Science of Gymnastics Journal. 2019;10(3):437-51.

⁸Molinari CIA, Costa, VR, Monteiro, KOFF, Nunomura, M. Critical analysis of the Brazilian Women's Artistic Gymnastics performance in the 2004-2016 Olympic Cycles. Science of Gymnastics Journal. 2018;10:453-466.

⁹Nunomura M, Oliveira MS. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. Motriz. 2012;18:297-392.

¹⁰Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas; 2002.

¹¹Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Ginástica Artística Feminina: resultados nacionais [Internet]; 2019 [citado 2019 nov 11]. Disponível em: <https://www.cbginastica.com.br/ginastica-artistica-gaf>.

¹²Appolinário F. Metodologia da Ciência. São Paulo: Thomson; 2006.

¹³Cunha, SE. Estatística descritiva na psicologia e na educação. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1978.

¹⁴Oliveira MS. O Panorama da Ginástica Artística Masculina Brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. Campinas. Dissertação [Mestrado em Educação Física] – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas; 2010.

¹⁵Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Regulamentos [Internet]; 2015 [citado 2015 jun 11]. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/gin-artistica-regulamentos>.

¹⁶ Zakharov A, Gomes AC. Ciência do treinamento desportivo. 2. ed. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport; 2003.

¹⁷Nunomura M, Carrara, PDS, Tsukamoto, MHC. Ginástica Artística e Especialização Precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte. 2010;24:305-315.

¹⁸Lima LBQ, Silva, PP, Schiavon, LM, Santana, WF, Carbinatto, MV. Jogos regionais e jogos abertos do estado de São Paulo: influências políticas no desenvolvimento da ginástica artística. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte. 2017;10:1-13.

¹⁹São Paulo (Estado). Subsecretaria de Assuntos Metropolitanos. Região Metropolitana de São Paulo [Internet]; 2014 [citado 2015 nov 15]. Disponível em: <http://www.sdmropolitano.sp.gov.br/portalsdm/sao-paulo.jsp>.

²⁰Oliveira MS. A microcultura de um ginásio de treinamento de Ginástica Artística Feminina de alto rendimento. São Paulo. Tese [Doutorado em Educação Física] – Faculdade de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 2014.

²¹Molinari CIA. O A formação esportiva na ginástica artística feminina: o desenvolvimento das categorias pré-infantil e infantil no Brasil. Ribeirão Preto. Dissertação [Mestrado em Educação Física] – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; 2018.

²²Nunomura M. Técnico de ginástica artística: uma proposta para a formação profissional. Campinas. Tese [Doutorado em Educação Física] – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas; 2001.

²³Nunomura, M. Aspectos pedagógicos da formação esportiva na Ginástica Artística. Tese [Tese de Livre Docência] - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 2009.

²⁴Schiavon LM, Lima LBQ, Ferreira MDTO, Silva YM. Análise da formação e atualização dos técnicos de ginástica artística do Estado de São Paulo. Pensar prá. 2014;17(3):618-35.